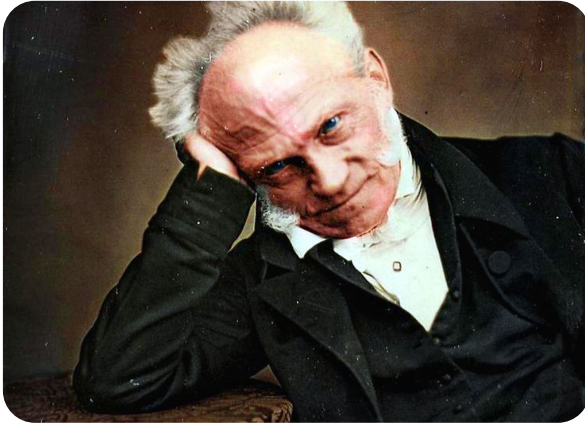




ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860)



Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão profundamente influenciado por Immanuel Kant, de quem foi contemporâneo ao menos durante a sua infância, pois Kant faleceu em 1804.

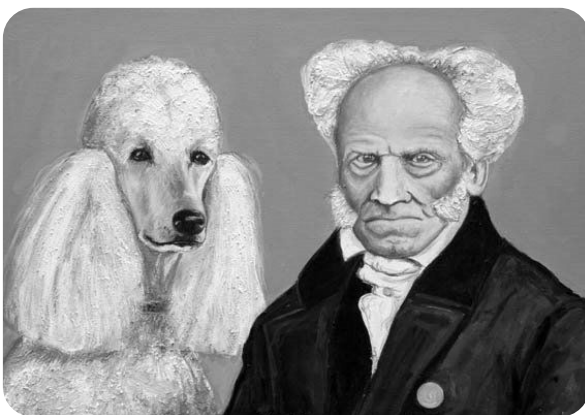
Evidentemente, a filosofia de Kant dava conta de muitos assuntos e questões. No caso de Schopenhauer, o que ele aproveitou a filosofia kantiana foi a impossibilidade de conhecimento das coisas em si, chamado de Noumeno. Por

outro lado, o que pode ser de fato conhecido é o Fenômeno, que é a representação que fazemos das coisas a partir do nosso aparato sensorial e cognitivo.

O MUNDO É REPRESENTAÇÃO!

Conforme a sua adesão aos conceitos kantianos citados anteriormente, Schopenhauer concebeu todo o mundo como um grande fenômeno. Neste sentido, tudo o que apreendemos do mundo são as percepções que temos dele, e não como ele é em si.

Diante disso, a nossa razão opera o nosso entendimento dos fenômenos a partir da relação que os mesmos possuem entre si. Por exemplo, as noções de espacialidade, temporalidade e causalidade entram nessa composição, e formam a base para que os seres humanos possam compreender a realidade que os cerca.



Para Schopenhauer, os animais possuem um entendimento sobre o mundo semelhante aos humanos. A diferença residiria no fato de que eles aprendem a partir dos seus instintos, enquanto os humanos possuem não somente o instinto, que é comum a todos os animais, mas também a razão, que é formada pela linguagem e comunicação.



O PAPEL DA RAZÃO

Diferente do que pode aparentar a princípio, particularmente quando sabemos o quanto ele deve a Kant, que é considerado um filósofo difícil de ser acessado nas primeiras leituras, devido à complexidade da sua escrita e das suas ideias, o pensamento de Schopenhauer é relativamente mais simples.

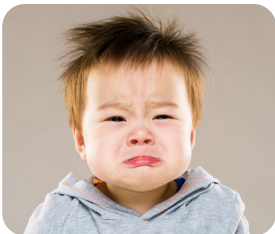
O papel que ele atribui à razão, condiz com aquele que o nosso senso comum costuma lhe dar. Por exemplo, o de planejar, desenvolver e produzir ações, ferramentas e linguagens. E mais, como repositório de nossas lembranças, a razão serve para nos alertar quanto a experiências ruins do passado, de modo a que não se repitam. Por vezes, isso aparece na forma de traumas e limitações à ação das pessoas.

VONTADE

Não obstante, para Schopenhauer existe algo muito importante e que está além da razão humana. Este algo é a vontade, e ela encontra-se na filosofia schopenhauriana, como o fundamento de todo o Universo. Portanto, não existe uma vontade em cada ser humano, mas uma única vontade universal que não é regida pela causalidade e nem apreendida pelos nossos conceitos de espaço e tempo.

É por esse motivo que a obra máxima de Schopenhauer, “O Mundo Como Vontade e Representação”, ganhou este nome. Assim, além de ser uma representação, o mundo é uma vontade. E é a partir disso que Schopenhauer elabora a sua filosofia, que a propósito, possui vários pontos em comum com o budismo e outras filosofias orientais.

De fato, Arthur Schopenhauer esteve entre os primeiros filósofos ocidentais a admitir e abraçar a influência do pensamento oriental. Assim como no budismo, Schopenhauer dizia que a vida é sofrimento.



Este sofrimento é o resultado de uma vontade que nunca fica saciada, sempre querendo mais e mais. Mesmo após um breve momento de satisfação, o querer surge novamente pedindo mais. Naturalmente, este sofrimento como resultado de um querer insaciável fez com que Schopenhauer fosse classificado como pessimista, o que não é de todo verdade.

NÃO QUERER - A VERDADEIRA LIBERDADE

A solução apontada por Schopenhauer para esse sofrimento, assemelha-se àquela encontrada pelo príncipe Sidarta Gautama, o Buda histórico. A solução para o sofrimento humano reside no controle da vontade, ou em outras palavras, no não querer.



SÓ A ARTE SALVA!

Uma outra solução trazida por Schopenhauer, e que é bem original, coloca a contemplação artística como salvadora. Segundo o filósofo, a apreciação de uma obra de arte faz com que a vontade do indivíduo se confunda com o objeto contemplado.

Desta forma, pelo menos durante o momento de contemplação artística, o indivíduo fica aliviado das suas angústias.

E neste sentido, Schopenhauer coloca a música em um lugar especial, por causa do efeito poderoso que ela causaria no íntimo dos seres humanos.

Curiosamente, por mais que este papel atribuído a música possa soar original aos ouvidos contemporâneos, ou até mesmo algo moderno, esta ideia possui origem na Grécia Clássica.



Anfiteatro Grego

O filósofo grego Aristóteles, em seu livro “Poética”, dizia que a tragédia teatral possuía um efeito de catarse (purificação), ou seja, aqueles que assistiam as tragédias passavam por descargas emocionais que expulsavam as emoções e sentimentos negativos.